

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Linguística, Letras e

# Antes:

*Sujeitos, Histórias e Ideologias*

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Linguística, Letras e

# Antes:

*Sujeitos, Histórias e Ideologias*

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlondo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias /  
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5983-033-6  
DOI 10.22533/at.ed.336210605

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,  
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.  
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: SUJEITOS, HISTÓRIAS E IDEOLOGIAS**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; e estudos em educação.

Estudos literários traz análises sobre representação da mulher, patriarcado, narrativa, teatro, cartas, poesia, haicai, cordel e literatura digital.

Em estudos em educação são verificadas contribuições que versam sobre aprendizagem colaborativa, práticas interdisciplinares, ambiente virtual, ensino de língua e leitura.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *THE TENANT OF WILDFELL HALL* DE ANNE BRONTË

Helena de Luna Mendes

**DOI 10.22533/at.ed.3362106051**

### **CAPÍTULO 2..... 12**

“A BELA E A FERA”, DE MADAME DE VILLENEUVE E MADAME DE BEAUMONT: A PRESENÇA DO FEMININO NO CONTO DE FADAS E NO *LIVE ACTION*

Lais Menezes da Costa Sousa

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

**DOI 10.22533/at.ed.3362106052**

### **CAPÍTULO 3..... 25**

MÃE PATRIARCA: OPRESSÃO MATERNA EM UM CONTO DE TANIA JAMARDO FAILLACE

Mariana Sbaraini Cordeiro

**DOI 10.22533/at.ed.3362106053**

### **CAPÍTULO 4..... 36**

ELECTRA E A IMPORTÂNCIA DA MITOLOGIA CLÁSSICA

Rui Pires

**DOI 10.22533/at.ed.3362106054**

### **CAPÍTULO 5..... 52**

SUBTERFÚGIOS E DISSENSÕES NA NARRATIVA DE *O SENHOR BRETON E A ENTREVISTA*, DE GONÇALO M. TAVARES

Robson José Custódio

**DOI 10.22533/at.ed.3362106055**

### **CAPÍTULO 6..... 63**

INTERSEMIOSE EM *O LEILÃO DO LOTE 49*, DE THOMAS PYNCHON: DECIFRA-ME OU TE DEVORO

Margareth Torres de Alencar Costa

Laura Torres de Alencar Neta

Wilson Cavalcante Costa Junior

**DOI 10.22533/at.ed.3362106056**

### **CAPÍTULO 7..... 72**

ARIANO SUASSUNA E A *FARSA DA BOA PREGUIÇA*: A FORÇA DO RISO NO TEATRO POPULAR

Luciana Morteo Éboli

**DOI 10.22533/at.ed.3362106057**

<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>85</b>
<b>ALÉM DA INVISIBILIDADE: CARTAS E LITERATURA</b>	
Raimunda Celestina Mendes da Silva	
Mayara Cassiano de Sene Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3362106058</b>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>96</b>
<b>CHICO DA SILVA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN NOS CAMINHOS DA POESIA</b>	
Maria Auxiliadora Ferreira da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3362106059</b>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>108</b>
<b>VOZ E SILÊNCIO NA POESIA DE FERREIRA GULLAR: GRAFIAS DO EU E DA CIDADE</b>	
Ilca Vieira de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060510</b>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>127</b>
<b>A EXPRESSÃO TRADUTÓRIA DE PAULO LEMINSKI: UMA LEITURA DE EZRA POUND, HAROLDO E AUGUSTO DE CAMPOS</b>	
Lívia Mendes Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060511</b>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>141</b>
<b>TRÊS VERSOS E UMA CODA: AS MUTAÇÕES DO HAICAI NO BRASIL</b>	
Samuel Delgado Pinheiro	
Eliane Cristina Testa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060512</b>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>154</b>
<b>MUSICORDEL: MEMÓRIAS E NARRATIVAS AMAZÔNICAS EM VERSOS CANTADOS</b>	
José Eliziário de Moura	
Ana Lúcia Vidal Barros	
Uthant Benício de Paiva	
Cesar Claudino Pereira	
Paulo Eduardo Ferlini Teixeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060513</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>169</b>
<b>LITERATURA DIGITAL NA SALA DE AULA DE PORTUGUÊS: IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO E NA RECEPÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS</b>	
Malu Elma Gomes Dias	
Darley Cristina Santos Ribeiro	
Louise Bogéa Ribeiro	
Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060514</b>	

<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>179</b>
<b>REDE DE APRENDIZAGEM CONSTRUÍDA DE FORMA COLABORATIVA ENTRE PROFESSORES E PAIS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL</b>	
Tania Beatriz Trindade Natel	
Maura Corcini Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060515</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>201</b>
<b>EDUCAÇÃO EM SAÚDE E O TEATRO: UMA REVISÃO DE LITERATURA</b>	
Eduardo Alexander Júlio César Fonseca Lucas	
Lucas Lima de Carvalho	
Lucas Rodrigues Claro	
Amanda dos Santos Cabral	
Bruna Liane Passos Lucas	
Antonio Eduardo Vieira dos Santos	
Jéssica Andressa Reis de Souza	
Pamela Lima Dias Lins	
Simone Fonseca Lucas	
Ravini dos Santos Fernandes Vieira dos Santos	
Alexandre Oliveira Telles	
Maria Cristina Dias da Silva	
Maria Kátia Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060516</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>213</b>
<b>PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NO ENSINO TÉCNICO: UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE COMO PROJETO INTEGRADOR</b>	
Walena de Almeida Marçal Magalhães	
Mariane Pimenta Peres	
Antônia Lília Soares Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060517</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>224</b>
<b>A ENUNCIÇÃO E O SINCRÉTICO NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM</b>	
Aparecida Maria Xenofonte de Pinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060518</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>238</b>
<b>ESTUDO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E A MODALIDADE HÍBRIDA</b>	
Ayumi Nakaba Shibayama	
Denise Cristina Kluge	
Francisco Javier Calvo del Olmo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.33621060519</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>258</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>259</b>

## MÃE PATRIARCA: OPRESSÃO MATERNA EM UM CONTO DE TANIA JAMARDO FAILLACE

Data de aceite: 26/04/2021

Data de submissão: 10/03/2020

**Mariana Sbaraini Cordeiro**

UTFPR

Toledo – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/8938511024731295>

**RESUMO:** O que é ser uma mãe perfeita? Até onde uma mãe pode interferir na formação de sua prole? São questionamentos assim que surgem quando lemos os contos de Tânia Jamardo Faillace reunidos no livro *O 35º ano de Inês*. A obra de Tânia Faillace faz parte da memória gaúcha, mas que ao cumprir seu papel de transgressão, adentra a universalidade das relações maternas. A proposta desse trabalho é analisar o conto homônimo da obra, investigando a relação aparentemente bem resolvida entre Inês e sua mãe até que no dia do seu 35º aniversário a relação sofre um abalo. Solteirona até então, a narrativa faz transparecer como a influência da mãe resultou uma jovem mulher desiludida e sem forças para mudar o seu destino. A mãe de Inês representa em um ser feminino todo poder do patriarcalismo brasileiro, e que devido à morte do pai, sua mãe acaba repetindo todos os ideais do opressor. O conto representa uma voz velada por um sistema conservador e provinciano, para o qual o jogo de aparências está acima de tudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conto brasileiro, Maternidade, Patriarcalismo, Cultura patriarcal.

### PATRIARCHAL MOTHER: MATERNAL OPPRESSION IN A TALE OF TANIA JAMARDO FAILLACE

**ABSTRACT:** What is it to be a perfect mother? How far can a mother interfere with the formation of her children? These are questions that arise when we read the short stories by Tânia Jamardo Faillace gathered in the book *O 35º ano de Inês*. Tânia Faillace's work is part of the southern people's memory, but when she fulfills her role of transgression, she enters the universality of maternal relations. The purpose of this work is to analyze the homonymous tale of the work, investigating the apparently well-resolved relationship between Inês and her mother until, on the day of her 35th birthday, the relationship is shaken. The narrative shows how the mother's influence resulted in a young woman disillusioned and without the strength to change her destiny. Inês's mother represents in a female being all the power of Brazilian patriarchy, and that due to the death of her father, her mother ends up repeating all the ideals of the oppressor. The tale represents a voice veiled by a conservative and provincial system, for which the game of appearances is above all.

**KEYWORDS:** Brazilian Tale, Maternity, Patriarchy, Patriarchal Culture.

Na narrativa "O 35º ano de Inês", homônima do título do livro, de Tania Jamardo Faillace (2002), a protagonista é apresentada no dia em que completa seu trigésimo quarto aniversário. Mulher adulta, porém, solteira, mora com a mãe viúva em uma cidade pequena. Uma

mulher que começa a ser narrada já na fase adulta, depois dos trintas anos enfatiza a sua busca pela autorrealização. Essa mulher é enclausurada pelos ideais maternos, pelas suas crenças popular e que, sem se resignar, sempre obedeceu à mãe. Sua principal prisão é o silêncio, o medo de falar, uma vez que falando, sua mãe seria a primeira vítima do discurso que ela não tem coragem de proferir. Seu silêncio a coloca totalmente à margem de ser uma boa companhia para a mãe: “Desde pequena, só fala quando a gente lhe pergunta as coisas [...] sem-graça... E depois, não serve de companhia para a gente depois que as irmãs casaram” (p.12). Irmã mais velha, nunca se casara pensando em ser companhia para mãe, mas esta a repudia principalmente por isso. Inês, através do seu silêncio, representa os ideais patriarcais por tanto tempo apregoados: a mulher deveria ser submissa, aceitar calada o que lhe era imposto.

Sua mãe vivera em outra época, quando o casamento representava para a mulher a única maneira de se livrar de um pai opressor. De certa maneira, o casamento abria-lhe uma possibilidade de sair de uma vida aprisionada. Porém, a mulher logo percebia que o que havia acontecido era simplesmente uma troca de prisão e o matrimônio se efetivaria como sua definitiva exclusão da vida pública. Em tempos não tão longínquos, o casamento também era visto como uma maneira de ascensão social, uma vez que se seu marido fosse de posses ela poderia melhorar o seu *status*. Mas as vantagens nem sempre se sobrepunham à vida de privações pela qual a mulher passava. A única esperança para essa esposa era a morte do marido. Somente assim, ela poderia assumir a total responsabilidade sobre o lar e sobre os filhos. Cristina Ferreira Pinto lembra, porém, que “casando-se novamente, o marido assumiria a direção de tudo e a mulher deveria submeter-se à sua vontade, perdendo os direitos que tinha adquirido com a viuvez” (1990, p. 34). Deve ter sido por essa razão que, nos tempos de nossas avós, a preferência era por manter-se viúva a se casar novamente.

A mãe de Inês não tem nome e não é chamada de mãe nenhuma vez em toda a narrativa. Além disso, ela herdara com a morte do marido todo o poder que ele representava, por isso não ter nome reforça ainda mais a permanência do marido, ou do seu poder que assim permanecia na família. Inês, a única filha que ficara morando com a mãe, mal se livrara do pai autoritário, seus ideais se “reencarnaram” com o surgimento de uma mãe diferente – a mãe patriarcal – que além de prover os cuidados mínimos necessários para a sua prole procurou fazer com que a moral da família sempre viesse em primeiro lugar. Carlos Magno Gomes indica que, “com o enfraquecimento da imagem do pai, a autoria feminina se consolida como uma crítica cultural do patriarcalismo” (2011, p. 104). É o que acontece nessas narrativas até agora, o pai morreu, foi embora, ou simplesmente é um mero figurante na narrativa.

Nelly Novaes Coelho, no prefácio de *Desafiando o cânone* (1999), estabelece algumas marcas da autoria feminina na literatura brasileira. De acordo com ela, haveria uma internalização da ideologia do opressor, cuja voz mais emblemática viria da matriarca.

Aquela presença feminina “poderosa e ditatorial que, na história da dominação da mulher, atuou como importante agente educador, responsável pela transmissão dos valores patriarcais” (1999, p.13). As obras cuja presença dessa figura é emblemática reforçam um paradigma alicerçado sobre uma consciência de opressão castradora que a família tradicional exercia sobre outras mulheres.

A matriarca do conto de Faillace não é uma representante do mito do amor materno e a sua autoridade se revela ao determinar como a sua filha deveria agir e demonstra pouco amor por ela. A mãe sempre se refere a Inês de modo a machucá-la. Os outros também falam dela, “[m]as eram só as opiniões da mãe que costumava lembrar – tinham certo peso, davam-lhe uma forma, um volume... Quando queria saber quem era, bastava sintonizar a memória... ‘Grande demais, não sei a quem foi puxar... Nenhuma roupa lhe serve... Tem um jeito masculino, essa menina’” (p. 12). A protagonista não sabe quem ela é, e quando procura por sua identidade não encontra outra a não ser aquela que sua mãe pronuncia de forma tão altiva e ríspida.

Inês tentou durante sua juventude dar outro rumo para a sua vida. Queria trabalhar e não largar os estudos. Para isso, passou a estudar à noite contrariando todos em sua casa, principalmente sua mãe. A busca pela educação formal marca a tentativa da protagonista em buscar sua interação com a sociedade. A luta pelo direito de trabalhar e estudar representa a única forma da mulher buscar sua emancipação. Essa é a primeira tentativa da personagem em sair do seu ambiente restrito, tornar-se um ser social. Essa etapa é frustrada devido a uma aventura que ela tem uma noite ao voltar da escola. Ela percebeu um homem, o bêbado da cidade, deitado atrás de uma cerca. Quando se deu por conta, Inês estava em cima daquele homem, beijando-o furiosamente. Quando ela cai em si, quase sem compreender como aquilo poderia estar acontecendo, ela volta para a casa e desiste de tudo.

A lembrança dessa noite vai lhe causar alucinações por um bom tempo. Ela nunca conseguiu compreender como e por que aquilo aconteceu. Reflexo de uma tentativa inconsciente de emancipação também do corpo, Inês sente que no seu íntimo algo lhe falta ser preenchido para que possa ser uma mulher plena. Ela tem certeza que isso não acontecerá através do matrimônio nem pela maternidade como ocorrera com suas irmãs. Agora não trabalha fora, passa os dias a faxinar a casa. A rotina era fixa: limpar, fazer as compras, assistir à novela com a mãe, requeentar o que sobrara do almoço e depois iam dormir. Sua relação com o pai não é muito falada, apenas que, mesmo morto, o sustento ainda vinha dele por ter deixado as duas com uma boa condição financeira. E a vida que tinha com a mãe passava uma ilusão de perfeição e é dessa aparente naturalidade que Inês quer fugir.

O aniversário de Inês faz irromper outras situações que levam a narrativa a prosseguir por caminhos inimagináveis, até então, para a protagonista. É neste aniversário que ela toma consciência da sua situação feminina não só enquanto filha, mas também enquanto

mulher. A mãe não se lembrara do aniversário como sempre o fizera e logo procura reparar o erro, porém muito mais preocupada com o que suas vizinhas iriam dizer: “Não pensassem que ela era uma mãe assim tão desinteressada, tão comodista, que deixava passar as datas significativas” (p.14). O aniversário de Inês revela outro motivo a ser celebrado quando sua mãe, em meios aos preparativos, lembra-se que passara sete anos tentando engravidar até conceber Inês. A celebração do seu nascimento é na verdade a celebração daquela que conseguira cumprir o seu destino de mulher de forma plena diante a sociedade – ser esposa e mãe. Seu destino biológico e cultural estava cumprido.

Inês tem algum inconformismo dentro de si que vai, ao longo da narrativa, sendo revelado. Ao perceber a mão da mãe, ela afirma que “[e]ra uma mão de velha. E sua voz era uma voz de velha [...]. A mãe ficara estacionária tanto tempo ... era só ela que envelhecia dentro daquela casa” (p. 16). É marcante quando Inês se percebe envelhecendo, talvez esteja até mais velha que sua mãe, reflexão que leva Inês a expor o seu discurso velado. Ainda que seja somente para o leitor, ela vai revelando aos poucos um desgosto por aquela vida criada pela sua mãe: “Sabia muito bem que seu interior era, na verdade, uma floresta densa, quente, barulhenta, molhada... porém isso a inquietava como um imenso, absurdo, total paradoxo” (p. 16). A narrativa de Faillace expressa uma urgência que a mulher tem em lutar contra as forças de um sistema falido, mas que insiste em perdurar; contra a sociedade para reestruturar sua vida, de ter o direito a uma vida constituída por ela mesma. A partir da comemoração pela troca de idade começa a ser construída uma nova Inês mulher e filha.

A mãe passa muito tempo tentando arrumar-lhe casamento, no entanto todas as tentativas são frustradas, pois já que a mãe lhe acha fria, apática e sem-graça. Inês também se conforma, de certa maneira, com o seu destino de filha solteirona, que não se casara para cuidar da mãe. Seu conformismo perdura somente até o dia do seu aniversário: “Foi a partir dessa tarde e dessa noite, a tarde e a noite da confirmação de seu aniversário, que ela recomeçou a impacientar-se” (p. 22). Ao sair de casa, à noite, para pegar um pouco de ar, Inês se senta embaixo de uma árvore, “Lá embaixo, a árvore estava viva e comia. Comia sempre, incessantemente” (p. 23). Como a árvore, Inês se sentia viva apesar de sua aparência de filha doutrinada, de mulher cujo destino só poderia ser aquele mesmo. Mas o seu aniversário mudara definitivamente Inês. A árvore, assim como Inês, representa uma constante regeneração. Assim como ela se nutre do solo ao qual está enraizada, Inês se alimenta de toda a tradição familiar que sua mãe insiste em perpetuar.

No dia seguinte, vai à cidade fazer compras, e na volta tem um relacionamento relâmpago com um desconhecido que ela conhecera dentro do ônibus. Inês segue aquele desconhecido até a casa dele e tem sua primeira relação sexual. Apavorada com o seu novo comportamento, ela afirma que “preservara tanto tempo a sua virgindade, que esta acabara envelhecendo e desvalorizando-se. E sem propósito algum. Sem proveito algum para ela e para ninguém” (p. 30). Ter seguido os dogmas culturais impostos à mulher não lhe trouxera nenhuma vantagem, pelo contrário. A virgindade tão valorizada pelo homem

patriarcal, que almejava se casar com uma mulher jovem e virgem, agora tinha sido depreciada porque estava velha.

Esse episódio leva Inês a refletir sobre a sua identidade de mulher: “Deixara-se ir de um dia a outro, sem procurar saber alguma coisa. Sobre a vida. Sobre ela mesma. Agora não era ninguém. Mas nunca fora. Passara despercebida e embrutecera em sua solidão” (p. 30). Deixar-se levar pela mãe lhe impediu de saber, de pelo menos buscar saber, quem ela realmente era. Inês sempre acreditara ser aquilo que os outros – sua mãe, suas irmãs, seus cunhados – pensavam e a faziam pensar que era. Inês não resolve se descobrir, saber quem era aquela mulher de 34 anos de maneira profusa, pelo contrário, busca saber quem é, mas da maneira que sempre foi, calada, comedida.

A partir desse ato impensado de Inês, ela começa a agir como uma mulher caçadora, indo atrás de homens que possam lhe satisfazer sexualmente. O primeiro e mais longo caso de Inês será com um feirante, um rapaz de pouco mais de vinte anos. Eles passam a se encontrar com frequência todas as segundas-feiras em um casebre no meio do mato. O rapaz passou a lhe ensinar: “Mas você não sabe nada mesmo? Desse tamanho e tão crua?” (p. 34), atuando como seu mentor sexual. De forma carinhosa e com paciência, diferentemente do primeiro homem de Inês, esse ajudou Inês a ser mulher: “O rapaz era paciente e sentia-se orgulhoso em suas funções de monitor” (p. 37). Inês é conduzida a percorrer as partes do seu corpo que ela ainda não conhecia e a viajar pelo corpo masculino. Seu mentor lhe ensina a vagar pelos caminhos antes ermos de seu próprio corpo e pelo dele. Esse ensino foi tão profícuo que Inês se colocará numa posição muito superior nos seus relacionamentos futuros, decepcionando-se com os homens, aparentemente donos da situação, quando na verdade ela não se sentirá satisfeita por nenhum deles depois do que aprendeu com o feirante.

Na narrativa, ocorre uma mudança quando Inês se desloca do seu mundo onde vivia isolada dentro de casa para o centro comercial da cidade. É lá que ela tem sua primeira decepção amorosa com homem do ônibus e o seu segundo caso de amor, o único bem sucedido durante toda a narrativa. Esses dois principais relacionamentos amorosos contribuem para a formação da personalidade social da protagonista: “Inês estava mudando. Cortou o cabelo. Bem curto, descobriu-lhe a nuca e as orelhas. A mãe protestou: ‘Mas que idéia mais estapafúrdia! Já tens um jeito masculino.... Agora, com esse cabelo *à La homme*, estás muito pior!’” (p. 38). A protagonista não se incomoda mais com os comentários de sua mãe e passa a agir de acordo com o que ela conhecia agora de si mesma. Nunca pudera escolher nem a roupa que deveria vestir, nem usar uma blusa de uma cor que ela gostava se a mãe não concordasse. Nunca pôde descobrir do que gostava realmente. O processo de distanciamento da mãe para se descobrir quem a filha era nunca acontecera com Inês. Buscar elementos tão distintos do gosto da mãe permite à protagonista a construção de sua identidade pelo contato com o Outro, a alteridade permitirá Inês um autoconhecimento. Esse processo é conflituoso para uma mulher que até então fora obediente, mas ao mesmo

tempo fundamental para a construção de uma nova imagem feminina para a qual o conflito de geração é fundamental.

Sua posição de filha educada não lhe permite desobedecer à mãe, que depois da morte do pai, passou a fazer o que ele fazia, a repetir o mesmo mandamento patriarcal ao qual ela, como mulher, fora subjugada a vida toda. Inconscientemente, reproduzia na filha o mesmo que o marido lhe fizera. A mãe passou a exercer o papel do pai patriarca, uma vez que o que era mais importante era manter as aparências. Sempre preocupada com o que os outros poderiam dizer sobre sua filha, a mãe tentou, em vão, persuadi-la a permanecer na prisão que ela mesma ajudava a manter. Assim, como a honra do pai e do marido estaria em jogo se a mulher não cumprisse seus mandamentos, a mãe de Inês se via como aquela que herdara a função paterna dentro de casa. O novo comportamento da filha só atestava que ela havia falhado na sua tarefa de “mãe patriarcal”.

Ao ouvir os comentários da mãe sobre sua nova aparência, Inês

sabia que isso não era verdade. Tomava consciência de seus quadris largos, bem nutridos, de fêmea inconfundível... de seus seios redondos, bonitos... desmascarava a mentira de sua insipidez loura, o mito da morena misteriosa... e livrara-se aos poucos de seu disfarce de solteirona pacata. Foi abandonando as cores discretas que atenuavam seu colorido forte, ousou ser ainda mais vermelha, branca e loura. Comprou roupas de corte bem masculino, e surpreendeu uma mulher agressiva e muito feminina no espelho de seu quarto. (p. 38)

As mudanças de Inês incomodaram até suas irmãs que nunca se preocuparam com a felicidade da irmã mais velha que vivia na clausura enquanto elas viviam na aparente liberdade de seus lares. Inês sempre acreditou que essa liberdade que o casamento trouxera para suas irmãs seria apenas momentânea, de fachada. Na intimidade, Inês via suas irmãs como reféns do mesmo sistema que a aprisionara na casa da mãe, a diferença era somente o seu alçó. A própria mãe reconhece que a liberdade da mulher, da sua fuga do espaço doméstico, era a fórmula para conquistar o seu espaço. Reconhecia que a mulher poderia pensar por si mesma: “Voltara a ir ao cinema, a ler... até pensava, de vez em quando” (p. 38).

José Carlos, o feirante, teve de se mudar. Inês “sempre soubera que as coisas não durariam para sempre, mas tivera a confusa esperança [...] de readaptar-se a sua vida de antes, um pouco mais adulta, um pouco mais realizada, um pouco mais certa do que queria” (p. 40). A ausência do feirante fez com que Inês perceba que era observada pelas outras pessoas. Inês tenta outra vez, vai ao cinema e flerta com um rapaz bem mais jovem. Ela se sente dona de si, muito diferente do seu primeiro encontro. Tinha aprendido muito com o feirante, o que lhe fez odiar a noite com um rapaz que pensava saber de tudo, mas que não sabia mais do que ela. Sentiu-se muito superior àquele menino. Essa nova tentativa de relacionamento a frustrou tanto que ela decidiu não sair mais de casa porque “não valia a pena”. O sexo passou a ser encarado por Inês assim como faz o homem, houve

uma inversão de papéis. Era ela quem flertava, ela cobiçava somente os corpos: “Agora ela sabia. E a consciência exata do que se passava nela, ainda tornava as coisas piores, aguçava seus sentidos de modo quase doloroso. Não sou um animal – dizia-se. Porém, qual era a vantagem de não sê-lo?” (p. 48).

A sua promessa de permanecer em casa não durou muito, “Saía três ou quatro vezes por semana, agora. Nem sempre arranjava um parceiro” (p. 49). Inês passa a se resignar com os homens por complicarem as coisas. Uma mulher que toma as iniciativas nem sempre é vista com bons olhos nem pelos homens, muito menos pelas mulheres. O que Inês faz assusta, havia nos homens certa desconfiança, um tipo de medo de perder o controle quando a mulher toma as rédeas de sua relação. Por isso, “[d]ificilmente ela se encontrava duas vezes com o mesmo homem. Confundia-os todos. Procurava não falar com eles, esquecê-los como indivíduos, buscar um grande parceiro coletivo” (p. 50).

Repentinamente, a mãe de Inês comunica que irá passar um tempo na casa da outra filha e que sua outra irmã virá conversar com ela: “Eu não queria. Mas todos acharam que a coisa estava indo longe demais... Espero que vocês não briguem – e aqui houve um murmúrio: ‘a memória do teu pai’” (p. 52).

Pela primeira vez o comportamento de Inês era digno de atenção, porque estava maculando os ideais patriarcais que a mãe preservava mais ainda na figura do pai morto. O comunicado da mãe acendeu em Inês uma repentina necessidade de fuga, de ir embora para bem longe dali. Num ímpeto, foi arrumar a sua mala. Mas os trinta e quatro anos que vivera aprisionada à mãe foram mais fortes do que ela podia imaginar. Sentindo uma tristeza profunda, Inês vai até o fundo do quintal e relembra quando era criança e se balançava na árvore. “Mas a quem ela estava procurando enganar? Agora não precisava mais. O lenço era de nylon. Forte” (p. 53).

A escolha pelo suicídio para o fim da personagem se mostra como a única saída para a protagonista. Na literatura de autoria feminina é muito frequente se recorrer ao suicídio ou à loucura para o fim da sua protagonista. Essa forma cabal representa a sua falta de poder diante da opressão do sistema patriarcal ao qual ela pertence. A morte também pode ser vista como uma maneira de se punir por não ter conseguido superar os limites sociais que lhe foram impostos. Inês teve inúmeras tentativas frustradas de escapar de tais imposições, mas o seu final mostra que ela cede a elas. Há na morte de Inês um caráter dúplice: se por um lado é punição, por outro acabou sendo a única possibilidade de se libertar da prisão do lar, de se libertar de uma “mãe patriarcal”, de fugir dos olhares de suas irmãs, cunhados e da vizinhança. Enfim, Inês poderia se decidir por ela mesma.

Nicole Loraux aponta o suicídio como um recurso para os infortúnios da vida, mas, sobretudo seria uma solução de mulher. A morte por enforcamento seria uma morte tipicamente feminina, muito recorrida nas tragédias gregas, como Jocasta, Fedra, Leda, Antígona (1988, p. 31). Outra característica da morte de Inês é o uso de um lenço, que de acordo com Nicole Loraux seria objeto de adorno, sedução e também de morte. No

enforcamento não há derramamento de sangue, por isso não haveria um processo de purificação. Loraux também associa a morte por enforcamento ao casamento, “ou melhor, à supervalorização da condição de esposa (*nymphe*) – e o suicídio sanguinolento à maternidade, pela qual, nas dores ‘heróicas’ do parto, a esposa se realiza plenamente” (1998, p. 39). O enforcamento pressupõe corpo a balançar, buscar alçar voo com sua morte e dessa forma conseguir liberdade. A morte de Inês não é narrada, ela é sugestionada, por essa razão não se vê o corpo de Inês, há uma presença silenciosa. Sua morte é o preço a ser pago por não ter adentrado ao mundo masculino das instituições em que a presença masculina dita regras e é imprescindível como o casamento e os filhos. A árvore também é associada por diversas culturas, à capacidade de procriação da mulher. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, há certos costumes em que mulheres estereis amarram lenços vermelhos aos galhos de árvores como uma forma conjurar a má sorte (2007, p. 87).

Nesse conto, Tânia Jamardo Faillace faz uma reflexão sobre a condição da mulher e procura situá-la num novo espaço e momento – há sempre uma busca por outra realidade distinta daquela em que não podia ser sujeito, apenas objeto do sistema. Seu texto questiona uma aparente ordem, inserindo pelos conflitos internos e com seus pares, no caso sua mãe e irmãs, uma mulher que não mais ignora ou silencia a cultura a sua volta. Explicitamente, não foi revelado se sua mãe e irmãs sabiam o que Inês fazia fora de casa. Há apenas insinuações como quando todas as irmãs levam a mãe para jantar fora pela primeira vez e deixam Inês em casa. A atitude da mãe, no final da narrativa, quando resolve ir morar com a outra irmã e avisa que viriam conversar com ela, de certa forma revela que a família passou ver Inês como uma subversiva já que, se não sabiam o que ela fazia, deduziram que só podia ser algo errado. Ao sair de sua posição passiva, Inês passa a incomodar e é quando, pela primeira vez, faz-se notada.

As mulheres representadas pela literatura a partir da segunda metade do século XX, mesmo que ainda não se tivesse conseguido uma conquista plena – mostram que o caminho fora aberto e que adiante deveria se questionar sempre, não aceitar imposições, mesmo que para isso se pagasse um preço muito alto por isso. Mas a ousadia que resplandece dessas produções atesta que o preço que a mulher pagava ficando alienada ao mundo a sua volta era mais alto ainda e já havia sido debitado por muito tempo.

O desfecho dessa obra confirma o que Cristina Ferreira Pinto afirma: “o final da narrativa feminina resulta sempre ou no fracasso ou, quando muito, em um sentido de coerência pessoal que se torna possível somente com a *não* integração da personagem no seu grupo social” (1990, p. 27). A morte de Inês não acontece somente no final. Tentaram matá-la por trinta e quatro anos até que ela decidisse, finalmente, lutar pela sua vida, não mais vivendo a vida que sua mãe havia planejado para ela.

A mãe cujos ideais patriarcais ainda estão muito arraigados é representante da “Mãe Pata” ou como Clarissa Pinkola Estés chamou em sua obra *Mulheres que correm com os lobos* (1994) de “Ambivalente”. A mãe do patinho feio não conseguiu ficar com seu filho

“diferente” porque assim ela não seria aceita pela sociedade e seus dogmas culturais. Estés afirma que a mãe que se rende aos desejos da comunidade em detrimento de seu filho representa aquelas que ao serem isoladas pela comunidade temem algum tipo de risco à sua vida (1994, p. 221). A mãe de Inês não consegue lidar com sua filha “diferente” devido à condição cultural na qual ela cresceu e aprendeu como ser mulher e mãe. Ao ver que sua filha não quer mais seguir esse modelo, quer romper com eles, a mãe se vê no dilema entre amar sua filha incondicionalmente ou seguir seu instinto de preservação. Com idade avançada, a mãe não encontra forças para romper com os ideais culturais que acabam se revelando mais fortes do que o amor materno. Logo, o instinto de preservação existiria, mas o amor materno não.

Outra constatação é que a mãe de certa forma inveja a coragem que a filha teve ao quebrar os laços dessa maldição patriarcal. A filha, aparentemente, pode parecer derrotada, mas na verdade ela vence como uma guerreira batalhadora e ganha o prêmio por ter conquistado uma nova vida para todas as mulheres que virão de sua descendência. A sua mãe foi a última covarde. De acordo com Estés (1994, p. 222), a mãe inserida e normatizada pelos ideais culturais de sua sociedade vive o dilema entre ser aceita pela comunidade, o que evitaria serem ela e sua filha castigadas, e o amor instintivo de mãe. Isso reforça a ideia que o amor materno não é instinto e sim um sentimento nascido e regido sob imposições culturais, que se revelam muito fortes, (BADINTER, 2011).

Mas como as mulheres conseguiram romper as amarras culturais se uma mulher carrega como legado a imagem de sua própria mãe e tende a perpetuar os mesmos valores que ela teve? Esse complexo materno, chamado assim pela psicologia junguiana, pode ser rompido quando a mulher se emancipa principalmente ao ter acesso ao conhecimento. Isso irá lhe proporcionar meios para questionar os dogmas culturais que regiram os comportamentos de suas antecessoras, aqui, no caso, sua mãe. É necessário também que essa mulher-mãe tenha qualidades que em muitas culturas foram por muito tempo destinadas somente ao homem. A coragem é a primeira delas. A personagens de Faillace não consegue superar a cultura da maternidade regida pelo patriarcalismo. Inês questiona, rompe com os grilhões culturais que regiam a vida da mãe e de suas irmãs mais velhas, mas ela não consegue viver na mesma comunidade que lhe acusa de infratora e se suicida.

A cultura do patriarcado regeu os homens e também as mulheres por muito tempo, mas ela começou a fenecer quando se sobrepôs a valores morais que passaram a ser mais relevantes. Estés afirma que “quando uma mãe é forçada a escolher entre o filho e a cultura, existe algo de repulsivamente cruel e irrefletido nessa cultura. Uma cultura que exija que se prejudique a própria alma para fazer cumprir as proibições é na verdade uma cultura muito doente” (1994, p. 224). A crueldade dessa cultura já era sentida por muitas mães, mas é muito recente o surgimento daquelas que se encorajaram na empreitada de romper com ela.

Para se estabelecer uma poética da maternidade a partir dessas narrativas de autoria feminina, é necessário compreender como são estabelecidas as relações de

mulheres com outras mulheres, com suas mães e com suas filhas e, até mesmo, suas irmãs. Também convém compreender como essas relações são reflexos do contexto social e cultural, levando-se em consideração outras questões, tais como: classe social, raça, gênero, entre outras.

Algo pontual para se afirmar é que essas narrativas acontecem dentro de um espaço, denominado por Elaine Showalter como “zona selvagem”. Uma vez que esse espaço “significa uma área só de mulheres, um lugar proibido para o homem” (1994, p. 48), a experiência da maternidade se configura como selvagem uma vez que ela só é permitida ao homem na sua condição de filho. E mesmo tendo oportunidade de adentrar esse espaço, a maternidade para ele habita o campo do imaginário. Ter a chance de falar da experiência da maternidade de um lugar privilegiado, o da mãe para outras mães, esses textos resultam numa forma de arte genuinamente centrada na mulher, “cujo projeto comum é trazer o peso simbólico da consciência feminina para o ser, tornar visível o invisível, fazer o silêncio falar” (SHOWALTER, 1994, p. 48 e 49).

Além dessas narrativas apontadas, há mais textos em que a mãe ainda procura determinar o destino de sua filha. Além dessa similaridade, o fato da filha não conseguir se desvencilhar de sua mãe austera pode marcar a falha de suas protagonistas em romper com ideais androcêntricos. Mesmo representado um espaço-temporal contemporâneo, tais narrativas evidenciam que os ecos do patriarcado são bem presentes e ainda apregoados pelas mães. Isso acontece, por exemplo, no conto “Cartografia”, de Cíntia Moscovich (2004). Narrativa em que a personagem, apesar de conseguir ser independente economicamente, ainda não cortou o cordão umbilical que a liga a sua mãe, desiste do seu curso de mestrado e volta a morar com ela.

Outra situação muito comum entre mãe e filha é a que vive a moça solteirona, como é chamada. São filhas que abdicam de tudo para se dedicarem exclusivamente a suas mães, quase sempre doentes, até o fim de suas vidas. Essas moças chegam à conclusão de que a maneira que vivem é totalmente sem sentido algum. Essa situação tratada no conto “Estela Dalva”, de Ivana Arruda Leite (2002) e em “Luar no beco”, de Maria de Lourdes Teixeira (1978). Essa situação reflete o dilema vivido por muitas mulheres que compreendem essa carga de cuidar da mãe como destino e cumprem com o compromisso, temerosas de serem castigadas.

Essas narrativas que ainda representam a mulher covarde e, por isso, infeliz, configuram um discurso absurdo para a mulher de hoje. Isso acontece devido à presença da matriarca, que procura dar continuidade ao poder do marido, ainda que na sua ausência. São filhas que também aceitam tal destino em obediência àquele que só existe pela permanência de seus valores patriarcais assumidos pela mãe. O conflito nesses textos é instaurado apenas na consciência da personagem. Uma vez que lhe falta iniciativa para dar novo rumo a sua vida, ela jamais verbaliza para alguém o seu desgosto com aquela vida, muito menos para a mãe.

Ao refletir as situações vividas por mulheres que, aparentemente, preferem permanecer subjugadas ao patriarcalismo e que impõe isso às demais gerações de mulheres, os textos literários vão circunscrevendo certas características de uma poética da maternidade. Se isso é possível, tais textos poderiam configurar a primeira fase desse momento. Esses textos, marcados pelo conflito entre os dogmas de duas gerações de mulheres e que uma delas declara não mais estar satisfeita em reproduzir os papéis escritos por esses dogmas, datam um novo começo para o texto literário da maternidade. São narrativas que, apesar de evidenciar o sofrimento das primeiras mulheres a romper com o sistema, datam o fim de uma opressão feminina. Não são somente as personagens que marcam o fim e o começo de uma nova leva de protagonistas, mas, também, marcam uma produção de autoria feminina não mais disposta a compactuar com o discurso do dominante; essas escritoras não fazem mais parte do grupo silenciado e nem suas personagens. Não há, depois dessa conquista literária, mais a necessidade de encontrar o discurso silenciado diluído pelo dominante, pois esse já não mais impera. A conquista da autoria feminina passa, agora, a delinear outra perspectiva da própria história literária.

## REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean & Alain Gheerbrant. *Dicionário de Símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 21. ed. , Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COUTINHO, Sonia. *Os venenos de Lucrecia*. 3.ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*: mito e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAILLACE, Tania Jamardo. O 35º ano de Inês. 4 ed. Porto Alegre: IEL: CORAG, 2002.

GOMES, Carlos Magno. A metáfora da viagem no Bildungsroman feminino. Carlos Magno Gomes & Lúcia Osana Zolin, orgs. *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011. p. 101-115.

LEITE, Ivana Arruda. *Falo de mulher*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LORAU, Nicole. *Maneiras trágicas de matar uma mulher*: imaginário da Grécia Antiga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MOSCOVICH, Cíntia. *Arquitetura do arco-íris*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino*; quatro exemplos brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.

SHOWALTER, Elaine A crítica feminista no território selvagem. Heloisa Buarque de Hollanda, org. *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.23-57.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ambiente Virtual 224, 226, 227, 236

Aprendizagem 120, 157, 159, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 198, 200, 209, 213, 214, 215, 223, 224, 225, 226, 227, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 251, 252, 256

Arte 23, 34, 41, 44, 46, 48, 55, 56, 61, 72, 73, 78, 81, 85, 88, 97, 98, 103, 104, 106, 109, 114, 118, 133, 137, 145, 153, 156, 157, 160, 161, 203, 213, 216, 217, 218, 221

Artes 22, 37, 43, 73, 98, 144, 149, 154, 155, 156, 160, 161, 164, 213, 216, 217, 218, 221, 257

### C

Carta 63, 66, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 94, 95, 135, 136

Cordel 73, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166

### E

Educação 4, 11, 12, 16, 19, 20, 27, 63, 96, 154, 156, 157, 158, 162, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 207, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 256, 257, 258

Ensino de Língua 71, 174, 177, 238, 256, 258

### F

Feminino 1, 2, 5, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 35, 36, 39, 44, 47, 51, 99, 101, 228

### H

Haicai 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Histórias 13, 14, 15, 16, 23, 35, 43, 55, 63, 74, 76, 148, 157, 159, 165, 175, 176, 177, 195, 225, 229

### L

Leitor 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 15, 28, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 70, 89, 110, 112, 117, 118, 120, 121, 129, 130, 131, 136, 142, 144, 148, 150, 152, 154, 156, 159, 165, 170, 172, 173, 176, 228

Leitura 3, 14, 22, 52, 53, 58, 59, 60, 62, 67, 69, 72, 109, 110, 115, 118, 120, 124, 127, 138, 144, 150, 151, 152, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 205, 207, 230, 232, 237, 258

Letras 1, 11, 12, 15, 24, 38, 39, 51, 63, 70, 71, 87, 95, 96, 97, 100, 108, 126, 133, 139, 153,

160, 161, 165, 169, 175, 178, 200, 224, 226, 228, 237, 243, 248, 257, 258

Linguística 54, 61, 71, 127, 136, 139, 158, 159, 169, 172, 173, 176, 178, 179, 200, 254, 256, 258

Literatura 51, 62, 63, 72, 86, 87, 88, 91, 95, 96, 107, 108, 153, 154, 155, 156, 161, 165, 166, 174, 176, 178, 204, 258

Literatura Digital 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177

## **M**

Mitologia 36, 43, 44, 50, 51, 73, 88

Modalidade Híbrida 238, 241, 242, 246, 255, 256

Mulher 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 49, 50, 66, 76, 77, 78, 100, 101, 102, 103, 160, 166

## **N**

Narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 79, 82, 87, 121, 144, 154, 155, 160, 161, 163, 165, 232, 245

## **O**

Opressão 10, 11, 25, 27, 31, 35, 99

## **P**

Patriarcado 33, 34

Poesia 43, 51, 52, 53, 54, 58, 87, 88, 94, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 138, 139, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 160, 162, 163, 166, 232

Práticas Interdisciplinares 213

## **R**

Representação 1, 2, 7, 10, 17, 18, 21, 24, 64, 65, 75, 78, 82, 101, 143, 144, 161, 163, 164, 173

## **S**

Saúde 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 237, 249

Sujeitos 55, 57, 58, 98, 114, 146, 158, 174, 183, 184, 185, 186, 225, 235

## **T**

Teatro 38, 44, 45, 49, 50, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 83, 126, 130, 201, 202, 203, 204, 209, 211

# Linguística, Letras e Artes:

***Sujeitos, Histórias e Ideologias***

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Linguística, Letras e Artes:

***Sujeitos, Histórias e Ideologias***

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021